

## MARIA JOSÉ MARTÍNEZ DE PISÓN



Salvando as distâncias

Tradução: Bia Santos

### RESUMO

O texto é uma reflexão sobre a natureza da nossa percepção. A partir da análise de sua estrutura temporal composta de vários círculos ou níveis vinculados a nossa memória, dos quais somos parcialmente conscientes, explora a ideia de “interface” desenvolvida nos meios digitais como metáfora de nossa percepção, e como instrumento que permite no âmbito da representação a mudança de um modelo baseado no objeto fechado a outro que requer a participação do espectador em sua própria construção.

### PALAVRAS-CHAVE

Interfaces; percepção; arte eletrônica; poéticas digitais.

## SALVANDO AS DISTÂNCIAS

*“Por que não me fala de sua felicidade ao invés de apenas me olhar?”  
E se a besta quisesse responder, diria: “Porque esqueço a cada instante  
o que quero responder”. Pois bem: enquanto prepara essa resposta,  
já havia esquecido, e caiu, de modo que o homem ficou assombrado.”<sup>1</sup>*

O assombro do homem produziu-se no inevitável intervalo temporal que o separa do presente: tudo é lembrança, impossibilidade de alcançar uma experiência imediata com o entorno, ou com nosso próprio interior. Todo ocorre conosco mediado e com atraso, não é imediato. A complexa experiência da vida atual parece acelerar os tempos, comprimi-los, mas o atraso e a mediação não desaparecem. Esse não presente é ao mesmo tempo interface e representação.

Através da interface de nossos sentidos temos acesso a uma parte do entorno real do qual somos parte, e mediante representações culturais geramos novas interfaces para chegar a uma subjetiva reconstrução dessas situações experimentadas, sonhadas, imaginadas ou pensadas: pequenos mundos dentro do mundo recoberto de outras interfaces. Assim, como se se tratasse de um jogo de bonecas russas, perseguimos a resposta dessa pergunta que a besta esquecia, nutrindo a inevitável infelicidade que essa consciência de tempo, de atraso, produz em nós. Todo acontecimento, mesmo no exato momento em que acontece, já é passado, e contá-lo é a forma de sentir o que vivemos. Daí a necessidade de representar, de contar-nos histórias.

Em *O mundo como interface*, Peter Weibel (se) pergunta: “Somos meros habitantes do lado interno de qualquer interface?” Assim nos faz consciente das portas que nos limitam, mas também das possibilidades que nos outorgam as formas simbólicas. Através do potencial que guardam essas formas podemos revelar a significação enigmática do sonhado, sentido ou vivido, e sem se deixar transparecer o próprio processo e funcionamento se abrem portas para camadas mais profundas, ampliando ligeiramente o limite da interface; horizontes concêntricos, ondas expansivas na superfície da água.

*A arte eletrônica desloca a arte de um estado centrado no objeto para um estado voltado para o contexto e para o observador. Deste modo, se converte em um motor de mudança que leva da modernidade a*

<sup>1</sup>  
NIETZSCHE, 1966.

*pós-modernidade, isto é, tem lugar uma transição de sistemas fechados, definidos pela decisão e completos, para sistemas abertos, não definidos e incompletos; do mundo da necessidade a um mundo de variáveis manipuladas pelo observador, da mono-perspectiva à perspectiva múltipla, da hegemonia ao pluralismo, do texto ao contexto, da localidade à não localidade, de totalidade ao particular, da objetividade à relatividade do observador, da autonomia à co-variação, da ditadura da subjetividade ao mundo imanente da máquina.<sup>2</sup>*

Weibel afirma que “os limites do mundo são os limites da nossa interfaces”; sem negar as bondades de seu entusiasmo, talvez este o leva a afirmações excessivas; em todo caso, os limites do mundo que podemos conhecer são os limites de nossa interface. Mesmo que estejamos conscientes de que o mundo não é mais que uma construção cultural de coisas que acontecem na terra, ou mais além, nossa interface natural, mental ou técnica não consegue ter acesso sequer à complexidade de nosso interior, nem ao exterior do ser humano.

Horizonte que se desdobra como uma barreira, até onde chegam as mãos, até onde chega a vista, até onde se separa o que se pode ouvir do que já não se escuta: círculos ou esferas onde fica preso o Ser. Contudo, há limites que não se descrevem espacialmente nem que se faça alusão a geometrias não euclidianas.

A linguagem é nossa mais comum interface. A verbalização é uma armadilha onde o indescritível, o invisível fica aprisionado ao transforma-se em palavras.

Começando, não paramos de inventar “instrumentos instruídos” para chegar um pouco além, *translimitar-nos*, como dizia García Bacca.<sup>3</sup> Telescópios para ver o mais distante, microscópio para ver o menor, telefone para ouvir mais além dessa distância que impõe a surdez, vídeos para ver mais além dos limites da terra, em outro espaço e em outro tempo. E assim até brincar também com a recordação imprimindo a memória em memórias digitais.

“Formamos nossas ferramentas e logo estas nos formam”, dizia Marshall McLuhan. Imerso em ciclo incessante, vamos ampliando as capacidades dos meios que por sua vez nos transformam, a princípio para ampliar as nossas; ainda segundo Heidegger o desenvolvimento do cinema e do rádio tenderiam a fazer-nos cada vez mais cegos e surdos.

*Pois bem, esta apressada superação das distâncias não traz nenhuma proximidade; porque a proximidade não consiste na diminuição da distância. O que do ponto de vista do trecho que nos separa dele, se encontra a uma distância mínima de nós – pela imagem que nos proporciona o cinema, pelo som que transmite o rádio – pode estar longe de nós.<sup>4</sup>*

<sup>2</sup> WEIBEL, 2002.

<sup>3</sup> GARCÍA BACCA, 1984.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, M. Disponível em: “La cosa” <http://www.librosgratisweb.com/pdf/heidegger-martin/la-cosa.pdf>.

Entre as transformações deste rápido desenvolvimento técnico da imagem se encontra a perda de seu valor icônico em favor de relações menos visíveis de forma direta. Estas relações se mostram mediante a visibilidade do processo; essa redundância constitutiva transporta a significação para a conexão que se estabelece entre visibilidades parciais, às vezes mesmo casuais. Longe do determinismo e da relação causa-efeito, que poderiam guiar algumas representações cinematográficas, a tecnologia digital opera por intervalos ou vazios significantes.

Dupla interface interna e externa na representação que operam os meios tecnológicos, deixando o espectador em uma posição ambígua, longe daquela posição *in fabula* do cinema. Os novos meios velam e desvelam ao mesmo tempo seu caráter de imagem-técnica, seu processo e sua capacidade de deslumbrar, sua presença espetacular e os recursos para que, quase democraticamente, possamos ir localizando nossas contribuições icônicas, sonoras ou textuais nesse espaço de difusa localização em rede.

Como resposta a esta consciência das aparências digitais: mutáveis, interativas, em parte numéricas e calculáveis, mas também em parte contingentes, incompletas, abertas a contribuições dos outros, o projeto *Interfaces Digitais* tentou repensar essas noções, assim como compartilhar conhecimentos, recursos, imagens e experiências entre duas culturas distantes e próximas.

Seguindo esse impulso eventual de complicar as coisas, já não podemos ficar com a primeira impressão, com a significação aparente, e tendemos a destruir o brinquedo, a desmontar o dispositivo para compreender como se constrói essa imagem, desde essa posição inevitavelmente exterior onde a própria imagem nos colocou do outro lado da interface.

A imagem que configurou simbolicamente esta ideia de interface alude as ondas circulares, aos horizontes que nos rodeiam, nos limitam, mas que podemos encaixar para passar de um a outro, da visão circular de uma pessoa ou grupo, a outros horizontes propostos, de Valência a Porto Alegre, ou vice-versa, ou entre eles.

Ondas concêntricas, encaixadas ou desdobrando-se como fitas de Moebius que em seu suceder mostram vislumbres de experiências, aquilo que a olhos estrangeiros se mostra inusitado, rompendo os tópicos, a leitura direta, o que permite aos autóctones ver seu entorno de outra maneira. Visões locais ou estranhas, indiferenciadas, que se oferecem a outros observadores daqui, dali ou de acolá, com um gesto que gira sobre si e observa o que o rodeia, superando alguns limites que o físico impõe.

Mas acaso se busca o poder cego da realidade? Só assinalar possibilidades: fazer possível o provável.

## REFERÊNCIAS

GARCÍA BACCA, J.D. Infinito, transfinito, finito. *Barcelona: Anthropos, 1984.*

HEIDEGGER, M., “La cosa”. Disponível em: <http://www.librosggratisweb.com/pdf/heidegger-martin/la-cosa.pdf>.

NIETZSCHE, F. *Consideraciones Intempestivas*. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Buenos Aires: Aguilar, 1966.

WEIBEL, P. *El mundo como interface*. In: *Dinámicas Fluidas*. I Festival internacional de arte, ciencia y tecnología. Madrid: Ayuntamiento de Madrid, 2002.



## MARIA JOSÉ MARTÍNEZ DE PISÓN

Doutora em Arte, Professora Titular da Universidade Politécnica de Valência — Espanha. Sua pesquisa é na área da percepção visual e meios interativos, vídeo, instalações interativas, relações entre as línguas e técnica em multimídia nas práticas artísticas. É diretora do Grupo de pesquisa Laboluz.